

IDENTIDADE E CONSTRUÇÃO

Beatriz Santana

Edson Facco

*Alunos do curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras da
Universidade Presbiteriana Mackenzie.*

RESUMO

A República de Moçambique, antiga colônia portuguesa independente desde 1975, assim como outros países colonizados, passou por uma forte transformação na sua identidade sócio-cultural. A exemplo disso, pode-se citar a institucionalização da língua portuguesa como oficial em detrimento das línguas nacionais africanas. Pretende-se, neste artigo, abordar a construção da identidade dessa nação no que se refere à língua e à cultura.

Palavras-chave: Identidade Nacional. Construção de Identidade. Educação. Moçambique.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Num mundo de fronteiras difusas, muito se tem discutido sobre a preservação das identidades culturais. As identidades culturais, conforme afirma Santos,

[...] não são rígidas nem, muito menos imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de identificação. **Mesmo as identidades aparentemente mais sólidas**, como a de mulher, homem, **país africano, país latino-americano ou país europeu**, escondem negociações de sentido, jogos de polissemia, choques de temporalidades em **constante processo de transformação**, responsáveis em última instância pela sucessão de configurações hermenêuticas que de época para época dão corpo e vida a tais identidades. Identidades são, pois, identificações em curso. (SANTOS, 2001: p.135, grifos nossos),

Diante desse conceito, pode-se considerar identidade cultural como algo inacabado, que se encontra em constante construção, e ressaltar que a identidade nacional, apesar de ser aparentemente sólida, está em constante processo de transformação. Sendo assim, o presente

artigo buscará desenvolver uma breve reflexão em torno da (re)construção⁴ da identidade nacional, tomando como exemplo a República de Moçambique, um país africano.

2 IDENTIDADE NACIONAL

Hall (2005: p.49) argumenta que as identidades nacionais não são coisas com as quais os sujeitos nascem, mas são formadas e transformadas no interior da representação. As identidades nacionais não são heranças genéticas. As pessoas não são apenas sujeitos sociais legais de uma nação; elas participam da idéia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Nesse sentido, vale a reflexão de Paulo Freire:

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é fazedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura. [...] E, na medida em que cria, recria e decide, vão se conformando as épocas históricas. É também criando e decidindo que o homem deve participar destas épocas. (FREIRE, 1979: p.43).

Verifica-se, deste modo, que o sujeito de uma nação é um importante instrumento para a construção da identidade nacional porque ao ser inserido e integrado no mundo produz cultura e configura a história da sua época.

Além do sujeito, segundo Hull (2001: p11), “o mais importante símbolo nacional é sem dúvida a língua. As dúvidas acerca da língua oficial envolvem também importantes questões acerca da identidade nacional”.

Considerando-se isso, no que se refere à identidade nacional, a África merece destaque não somente pelo seu contexto histórico, mas também, e, principalmente, pelo seu contexto lingüístico-cultural, tendo em vista a diversidade de línguas faladas neste continente. Desse espaço africano, restringir-se-á neste trabalho a República de Moçambique, antiga colônia portuguesa, independente desde 1975, quando se constituiu como Nação e passou a buscar a (re)construção da sua identidade nacional.

Após a independência, Moçambique institucionalizou a língua portuguesa, a língua do seu colonizador, como língua oficial em detrimento das línguas nacionais africanas. De

⁴ Os autores utilizaram o termo (re)construção por considerarem que a história de Moçambique, a exemplo do Brasil ou de qualquer outra colônia portuguesa, é muito anterior à chegada dos colonizadores portugueses no início do século XVI. De acordo com o *site* da CPLP – Comunidade dos Países de Língua Portuguesa – (<http://www.ono.com.pt/CPLP/documento.asp?documento=87>), já no século VIII, navegadores arabo-persas estabeleceram algumas feitorias comerciais na região.

acordo com Brito e Martins (2004: p.9), “[...] o português era a única língua que poderia nivelar as diferenças lingüísticas”.

A escolha, então, justificada como única garantia de manutenção da unidade nacional moçambicana, demonstra claramente uma razão política: não privilegiar nenhum grupo étnico, a fim de evitar uma guerra civil entre tribos e, com isso, impedir que o país se fragmentasse, mantendo-se como uma só Nação-Estado.

É possível, portanto, afirmar que a prática política (melhor dizendo: o discurso político oficial) em determinar a Língua Portuguesa como língua oficial buscou unir povos de diversas etnias, culturas diferentes e, principalmente, línguas diversificadas num objetivo maior: a (re)construção da identidade do povo moçambicano, uma vez que, conforme assinala Paulo Freire,

[...] a reconstrução nacional é a continuidade da luta anterior, do esforço anterior em busca da independência, é absolutamente indispensável que o povo todo assuma, em níveis diferentes, mas todos importantes, a tarefa de refazer a sua sociedade, refazendo-se a si mesmo também. [...]. Este é um desafio histórico que o período atual de transição coloca, de um lado o povo [...], e de outro, à lealdade revolucionária de sua liderança, e eu espero que ambos – o povo e a sua liderança – respondam corretamente a este desafio. (FREIRE, 2003: p.41)

Cabe, por conseguinte, à liderança da nação moçambicana conscientizar o seu povo, sujeitos sociais desta nação, da importância de manter-se Nação-Estado, de assumir uma identidade nacional, de retomar e de fazer cultura. É forçoso que o povo moçambicano reconheça a necessidade de uma participação conscientemente crítica e efetiva, enquanto sujeitos transformadores que são, expressando suas diversidades culturais e lingüísticas na busca por uma equidade que possa lhes conferir o sentimento de “pertença” a uma coletividade que professe as mesmas crenças e valores, (re)construindo, assim, a identidade nacional moçambicana. Dessa forma, os lingüistas têm como tarefa:

[...] procurar descrever a língua portuguesa nos seus contextos específicos e entender as idiosincrasias que a caracterizam, respeitando-lhe as experiências particulares, os valores diferentes, a especificidade cultural e a sua peculiar visão do mundo. (BRITO e MARTINS, 2003: p.11).

Reconhecer, portanto, que Moçambique apresenta uma situação lingüística plurilíngüe é um dos caminhos possíveis para resgatar a identidade e a cultura moçambicana e, com isso, integrar o povo a sociedade. Conforme indica Firmino,

[...] o uso do Português como uma língua nacional não irá por si garantir a unidade do país. Antes, o reforço da nação moçambicana estará em função de como se irá permitir aos diferentes grupos sociais [...] fazer parte da Nação-Estado, e de como eles sentirem que beneficiam dos recursos postos à disposição pelo sistema nacional. (FIRMINO, 2001: p.308)

Com base na obra de Paulo Freire, que desenvolveu, entre tantos outros, trabalhos de alfabetização em países lusófonos, como Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe (tendo, também, se preocupado com a questão da alfabetização de adultos em Angola e Moçambique), pode-se afirmar que o reforço para esta nação encontra-se na educação.

A educação se faz uma tarefa altamente importante, uma vez que deve ajudar o homem a ajudar-se, colocando-o numa postura conscientemente crítica diante de seus problemas. Para tanto, é absolutamente indispensável à humanização do homem [...], não poderia ser feita nem pelo engodo, nem pelo medo, nem pela força. Mas, por uma educação que, por ser educação, haveria de ser corajosa, propondo ao povo a reflexão sobre si mesmo, sobre seu tempo, sobre suas responsabilidades, sobre seu papel no novo clima cultural da época de transição. Uma educação que lhe propiciasse a reflexão sobre seu próprio poder de refletir e que tivesse sua instrumentalidade, por isso mesmo, no desenvolvimento desse poder, na explicitação de suas potencialidades, de que decorreria sua capacidade de opção. (FREIRE, 1997. p. 62)

A educação é um instrumento de mudança que direta ou indiretamente produz transformações decisivas e fundamentais em uma sociedade – na sua história e na sua cultura –, porque é ela que tem o dever e o poder de formar sujeitos capazes de decidir com responsabilidade social e política. Entretanto, é importante lembrar que isso só se fará possível se o objetivo for uma educação para a liberdade, para o homem-sujeito, que permite o desvelamento do mundo do qual faz parte.

3 O PAPEL DA LÍNGUA PORTUGUESA NA CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO MOÇAMBICANA

A oficialização da língua portuguesa em Moçambique tem sido questionada em relação à sua importância para a construção da identidade desta nação. De um lado tem-se, por exemplo, a Secretaria de Estado da Cultura que, em documento de 1983, considera:

[...] necessário promover o uso das línguas nacionais, uma vez que a política lingüística deve reflectir a identidade moçambicana. Neste documento, chama-se a atenção para o facto de o Português não ser conhecido pela maioria da população, não podendo ser considerado uma língua moçambicana. (apud Gonçalves, 1996: p.31)

De outro lado, têm-se autores que concordam que o papel da língua portuguesa nada mais é do que um instrumento para a construção da identidade nacional, a exemplo dessa afirmação cita-se Rosário:

A situação da língua portuguesa não é a de herança incomoda com carácter provisório enquanto se encontra uma língua genuinamente africana. [...] É um projeto que visa anular todas as conseqüências da arbitrariedade do traçado geográfico do País, dar-lhe uma identidade nacional e uma consciência cultural, através do povo que nele habita. (1982, apud BRITO e MARTINS, 2004: p. 10)

Na concepção da Secretaria de Estado da Cultura, propõe-se a elevação das línguas autóctones, a fim de reconhecer a natureza multilingüe de Moçambique. Entretanto, quando se observa à questão lingüística interna dessa nação, percebe-se que, dentre as diversas línguas autóctones, nenhuma é falada por todos os moçambicanos. Há uma distribuição concentrada dessas línguas pelo país, conforme se pode notar no quadro abaixo:

Línguas	Número de Falantes Nativos	Percentagem de Falantes Nativos
Macua	3.231.559	27,7
Tsonga	1.444.187	12,4
Sena	1.087.262	9,3
Lomwe	907.521	7,8
Shona	759.930	6,5
Tswa	696.212	5,9
Chuabo	664.319	5,7
Ronga	423.797	3,6
Marendje	402.952	3,4
Nyanja	385.875	3,3
Chope	332.924	2,8
Nyungwe	262.455	2,2
Maconde	224.662	1,9
Bitonga	223.971	1,9
Yao	194.107	1,6

Fonte: Firmino (2002: p.81)

Tomando como exemplo a língua Macua que, embora seja apontada como uma das línguas com o maior número de falantes nativos, é predominante em apenas uma das regiões do norte. No restante do país, a presença de falantes nativos de Macua não é significativa. Portanto, para tornar uma língua autóctone oficial, como “preservação de uma identidade”,

esta língua deverá ser aprendida por todos os moçambicanos e, além disso, para a sua estruturação, serão necessários estudos descritivos para a produção de uma gramática e, conseqüentemente, a elaboração de material didático adequado.

Essa situação já não ocorre com o Português, pois, embora não seja falado por toda a população, já possui uma gramática sistematizada e materiais didáticos que podem ser adaptados ao ensino moçambicano. Além disso, é possível encontrar falantes de Língua Portuguesa espalhados por todo o território moçambicano.

A presença da Língua Portuguesa não constitui, ao contrário do que acreditam alguns estudiosos e/ou autoridades, uma ameaça para a identidade de Moçambique, posto que a língua portuguesa tem-se mostrado capaz de se harmonizar com as línguas autóctones – como pode ser observado no trecho que se segue do poema *Sangue de Mãe da Minha Mãe* de José Craveirinha (1980: p.93-94, grifo nosso), em que novas palavras (vocábulos de línguas autóctones) são introduzidas na Língua Portuguesa:

Xipalapala⁵ está chamar
oh, sangue de minha Mãe
xigubo⁶ vai começar
xigubo vai rebentar
e **xipalapala** está chamar sangue de minha Mãe

Acrescente-se a isso o fato de que o “o uso do português parece corresponder à assunção, por parte das populações urbanas, de um desejo de nação e de unidade nacional” (BRITO e MARTINS, 2003: p.10). Como demonstram as palavras de um cidadão anônimo na obra de Firmino (2001: p.240): *[ao falar Português] sinto-me normal, como em qualquer outra língua moçambicana, porque esta língua é parte da nossa vida do dia-a-dia. Ela também encaixa-se na nossa cultura, mesmo tendo sido trazida pelos nossos colonizadores.*

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabendo-se que a elevação de uma língua autóctone causaria provavelmente uma nova guerra civil, pode-se afirmar que o Português é instrumento de apaziguação, bem como um

⁵ Xipalapala: espécie de trompa ou trombeta de chifre do antílope pala-pala, com que se convoca o povo. Corneta feita de um chifre de boi.

⁶ Xigubo: Dança de exaltação guerreira antes ou depois da batalha. Termo de origem onomatopaica (dos tambores)

caminho para a integração desses grupos étnicos. Contudo, a língua portuguesa em Moçambique deve estar comprometida com a inserção do povo moçambicano na história de seu país como figurante e autor, a fim de promover a construção e a preservação da identidade moçambicana, além de uni-los de maneira sólida. Assim, à medida que novos fatos históricos, políticos e sociais – internos e externos – surgem, vão influenciar no crescimento e amadurecimento da nação, fazendo com que esta permaneça em constante construção e formação de identidade, porque *quanto mais conscientemente faça a sua História [da nação moçambicana], tanto mais o povo perceberá, com lucidez, as dificuldades que tem a enfrentar, no domínio econômico, social e cultural, no processo permanente da sua libertação* (FREIRE, 2003: p.40-41).

ABSTRACT

The Republic of Mozambique, old independent Portuguese colony since 1975, as well as other colonized countries, passed for one strong transformation in its partner-cultural identity. The example of this, can be cited the institutionalization of the Portuguese language as official in detriment of the African national languages. It is intended, in this article, to approach the construction of the identity of this nation in that if it relates to the language and the culture.

Keywords: National Identity. Construction of Identity. Education. Mozambique.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Regina Helena Pires de e MARTINS, Moisés de Lemos. “Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária no contexto lusófono”. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*. São Paulo/Lisboa: Lusocom, 2004.

CPLP – COMUNIDADE DE PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA. *Moçambique*. Disponível em: www.ono.com.pt/CPLP/documento.asp?documento=85. Acesso em 25 de abril de 2005.

FIRMINO, Gregório. *A “questão lingüística” na África Pós-Colonial: o caso do português e das línguas autóctones em Moçambique*. Maputo: Promédia, 2002.

FREIRE, Paulo. *Cartas à Guiné-Bissau: registros de uma experiência em processo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

_____. *Educação como prática da liberdade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. O povo diz a sua palavra ou a alfabetização em São Tomé e Príncipe. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 45 ed. São Paulo: Cortez, 2003.

GONÇALVES, Perpétua. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária, 1996.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HULL, Geoffrey. *Timor Leste: Identidade, Língua e Política Educacional*. Lisboa: Instituto Camões.

MATUSSE, Gilberto. *A construção da imagem de Moçambicanidade em José Craveirinha, Mia Couto e Ungulani Ba Ka Khosa*. Maputo: Livraria Universitária, 1998.

SANTOS, Boaventura Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. São Paulo: Cortez, 2001, p.135-157.